

Auroras & Crepúsculos —

Álvaro de Campos, Manuel Bandeira,

H. Dobal e Leandro Rodrigues

Soares Feitosa

Faz muito tem que ando interessado nesse tema: poetas aurorais versus poetas crepusculares. Comentei esse tema com três poetas goianos, **Carlos Willian Leite, Francisco Perna Filho e João Aquino Batista**, entrevista em 2005 ao jornal OPÇÃO, de Goiana, GO. Naquela entrevista, referi o trabalho do poeta Renato Suttana. Um esclarecimento: o “versus”, aqui, não é um oposto, uma “inimizade”; famílias, porém: aqueles que cantam a manhã radiosa e aqueles outros que cantam a noite, o escurecer, o crepúsculo da tarde. Hoje, muitos anos depois, perturba-me a ideia de que os tristes são os alegres; e os alegres, os verdadeiramente tristes.

Volto ao tema na reedição ainda não realizada do meu único livro, PSI, A PENÚLTIMA, agora com o título DEDICATÓRIA, uma mistura de poemas, ensaios e um diálogo entre um suposto Francisco (do poema PSI) e o filho único de minha mãe, este aqui, o SF:

226. Francisco: O senhor tem falado num súbito clarão, como se fosse, da Arte. Suficiente para inutilizar de beleza a todo o resto?

SF: Sim. O Belo é algo tão poderoso que tem o dom de inutilizar toda a feiura. Quase sempre um único verso, se realmente de poesia verdadeira, é suficiente ao lampejo/ iluminação. Também em Tabacaria.

227. Francisco: Tabacaria, o que teria o poema de Pessoa a ver com essa estranha teoria?

SF: Hã uma “leitura secreta”: O poema de há pouco, de Saramago, é a típica leitura secreta, a comprovar que O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, em vez de um livro blasfemo, muito pelo contrário, livro devoto, pio, santo e santificado. Desconfio que o autor não sabia disso. Nem Eça de Queiroz, nem Machado de Assis, nem Dostoiévsky, para ficar apenas nestes exemplos.

228. Francisco: Por favor prossiga, com Fernando Pessoa, o que teria ele de secreto?

SF: A resposta, numa entrevista a três jovens poetas goianos, Carlos Willian Leite, Francisco Perna Filho e João Aquino Batista, 2005, do jornal *Opção*: “[...] Para mim, o poema pode ser triste, perverso, maldito até, mas há de trazer, preferencialmente bem dissimulados o acendimento e o ascendimento. Retomemos o exemplo de há pouco, *Tabacaria*, de Álvaro de Campos. Claro que é um super-poema! Toda aquela moldura de tristeza e desespero é tão só para dar azo ao sorriso do Esteves. Sem aquele lampejo, *Tabacaria*, para mim, não seria nada. Tomemos outro exemplo: *O CRIME DO PADRE AMARO*, de Eça. Nenhum romance foi tão anticlerical. Pois bem, demonstro em Salomão que, pelo contrário, *O CRIME DO PADRE AMARO* é um livro devoto, santificado, beato e carola, dois pontos. É que em meio a toda aquela patifaria de Amaro e do padre mestre, cercada por todos os lados por um clero absolutamente ímpio e corrupto, surge-nos, bem apagado mas luminescente, lá dentro dos matos, um santo, o abade Ferrão. Num único parágrafo, Eça nos descreve o bem-dentro-do-mal, o justo em estado puro, como se fosse um Abraão circundado de Gomorras, Ferrão, bom e justo, apesar do nome. Em *O PRIMO BASÍLIO*, também de Eça, outro lampejo da mesma estirpe: a bondade do amigo do marido traído, que jura de pés juntos que Luísa é pura e inocente. Ora, ora! Logo quem, a trêfega Luísa! E por aí vai. De Machado, em *Cubas*, a figura do Bem naquela senhora que toma conta, honestíssima, do refúgio do casal. Em *Capitu*, o bem sem limites no agregado José Dias, para mim a figura central do romance. *Capitus*, *Bentinhos*, *Escobares* e demais patifes servem-lhe apenas

de ornato e realce. Veja, meu caro poeta Carlos Willian, recebi recente um opúsculo artesanal do poeta Renato Suttana. *O LIVRO DA NOITE*, este o título; o email do Renato Suttana também soturno: *fantasmananoite@ig.com.br*. Ele escreve, lá pelas tantas: «Vazio, branco, imerso em sombra e perplexidade, apenas alcanço constató-lo, vendo que, lenta e lucidamente, estou sendo arrastado para baixo», pág. 37. Você acha pouco? Um novo Augusto dos Anjos no trecho? Isto vejamos, se sim, se não; parece que sim, parece que não. Saí catando e sublinhando em cada capítulo do livro de Suttana mínimos laivos de luminescência, uma tarefa quase impossível. Pois não deu outra! Por mais sombria seja a noite-Suttana, grifei: «...o morto optou pela sabedoria, erguendo...», pág. 9; «...esse fio de perplexidade por cima de um abismo...», pág. 14; «...olhando para o teto...», pág. 20»; «...a única meta é a madrugada...», pág. 23»; «...tudo o que faço é prosseguir...», pág. 24»; «...o dia é claro e nítido...», pág. 29». Já chega, não? Um poeta que se garante olhando para o teto, será qualquer coisa, menos crepuscular. Presumo que Suttana há de levar um grande susto quando ler isto aqui. Sabe-se ele um auroral? Quem, então, escreveu por ele em tom de auroras? Acaso Eça sabia-se devoto, religioso, carola, quando demonstrou que o verdadeiro clero português era o padre Ferrão e não aquele bando de facínoras, espelhado em Amaro e Padre Mestre? Sei não, sei não, meu caro poeta! Tenho apenas isto para concluir: um mínimo risco de auroras num painelão de escuros é o contraponto, como se fosse uma gota apenas de luminescência, por mais insignificante, a pôr em perdição todo o mal. Luminescência? Isto mesmo, meu caro Willian, a luz já estava criada anteriormente ao sol, à lua, às estrelas — *Gênesis*, capi-

tulo inicial, confira por seu favor. Luz? Que luz seria, se não é a do sol, nem a da lua? Haveria, então, uma outra “luz”? É incrível, mas não é o mal que corrompe o bem. Pelo contrário, o mal sempre perdeu, sempre perde, sempre perderá, vide Auschwitz: de lá escapamos, ainda que a milhares de quilômetros e séculos de distância; comemo-lo, vivos, nós, que, afinal também morreremos. Os pósteros não de ser melhores do que nós. Não é fácil, meu poeta Carlos Willian Leite, creia-me, descortinar o lampejo. É ele que, quanto menor e mais dissimulado, que dá o grifo, o “sublinhado”, da verdadeira obra de Arte. Esteves, o da Tabacaria, sorriu. Passe um risco debaixo desse sorriu, por seu favor.

229. Francisco: Quer dizer, o poema Tabacaria seria tristeza pura, salvo pelo sorriso do Esteves?

SF. Sim, com certeza. É um poema longo, vale a pena reler, imprecisões e desespero do começo ao fim. Então, subitamente: *Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo/ Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.* Por que o Esteves não sacou da arma e saiu atirando em quem estivesse por perto, nele também; ou puxasse a faca peixeira, um canivete, o punhal e esfaqueasse o próprio ventre...?! Sim, ele sorriu. O poeta dissera há pouco: *Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.* Então, o sorriso do Esteve foi o centelhamento, a mínima chama do reconhecimento ao rosto do outro, ao rosto de Deus, imagem e semelhança. Creia ou não, melhor que nem creia, estamos todos salvos, Esteves e Pessoa inclusos.

230. Francisco: Sem metafísica!

SF: Pelo contrário! O “sem metafísica” foi

posto ali para enganar os incautos, para reforçar a moldura. Metafísica absoluta. O sorriso do materialista, o comerciante Esteves, empresário, dono daquela empresa; por isto mesmo, não há metafísica maior. Fosse o bispo, graça nenhuma; lampejo total, o comerciante, o patrão, 44-bico-fino, bem na canela, ainda que estivesse descalço!

231. Francisco: Pelo visto, já dá para ir esboçando um catálogo... a) poemas de ouvido externo, bem ritmado, bom de ouvir; b)) poemas de ouvido médio, com sua amplitude aos demais sentidos, ampla sinestesia; e c) os poemas de ouvido interno, sem qualquer compromisso com os sentidos. E a exigência de Verlaine: *Ut musica poesis?*

SF. Música acima de tudo, sim, nos poemas do primeiro tipo. Daí a *rythma*, o metro. Música acima de tudo, nos do segundo tipo, posto que a sua leitura e a sua récita não de possuir a mesma agradabilidade que há de estar presente no primeiro tipo, a *rythma*, mas no interior, por dentro, aos harmônicos físicos do leitor, prévios por certo, que irão despertando e percutindo à medida... Fácil, não?

232. Francisco: “Desde quê?”

SF. Sim e sim! A rigor, o verso livre há de estar infinitamente mais “preso” que o soneto. Prego batido, ponta virada, a sua “prisão” é intra, mas não sei explicar isto não, por favor. Ou melhor, a música da agradabilidade de ler e recitar. Música, enfim. Sempre, todavia, o abismo. O empurrão.

(Uma explicação: agora, revisitando a entrevista, um novo parâmetro, não apenas essa estranha divisão de poetas aurorais e crepusculares; mas um “catálogo” novo:

poesia de ouvido externo, de ouvido médio e de ouvido interno, matéria que a limitação do espaço não permite desenvolver aqui. Se o leitor quiser saber mais, convido-o ao DEDICATÓRIA).

Não vou perder tempo em transcrever TABACARIA. Transcrevo, menos conhecidos, o poema de Bandeira, A VIRGEM MARIA; o poema CANTIGA DE VIVER do meu falecido colega (também *Fiscal do Consumo*), H. Dobal, mais o poema-recém, AS FERAS, de Leandro Rodrigues. Neles, o painel triste de numa noite escura, posto a perder pelo súbito clarão de uma aurora que ninguém sabe de onde veio. Esteves sortiu. Sim, o Esteve sorriu. Creia-me,

o Esteves há de sorrir.

Em Bandeira, enterram o tísico (Bandeira), as Tábuas da Lei sobre o peito frágil, “lá nele” - como dizemos aqui, sertão. Nenhum gemido, nada. E, não se sabe como, o outro Esteves, o mesmo Esteves, lá no fundo da treva a escutar a vozinha (sinto a necessidade de escrever com o erro este vocábulo, vo(i)zinha, de modo a evitar a confusão com a vovó — mas isto é outra história a explicar noutra oportunidade, a obrigação de dar a leitura o seu corrente, sem mínima parada). Sim, é claro, hemos de morrer, com ou sem as Tábuas da Lei no peito; o dia, impávido, há de surgir outra vez no horizonte.

A VIRGEM MARIA

Manuel Bandeira

O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da Santa Casa e o administrador do cemitério de S. João Batista

Cavaram com enxada

Com pás

Com as unhas

Com os dentes

Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia

Depois me botaram lá dentro

E puseram por cima

As Tábuas da Lei

Mas de lá de dentro do fundo da treva do chão da cova

Eu ouvia a vozinha da Virgem Maria

Dizer que fazia sol lá fora

Dizer i n s i s t e n t e m e n t e

Que fazia sol lá fora.

CANTIGA DE VIVER

H. Dobal

**Sozinho na cama
um homem espera sua hora.
A inesperada hora de tantos.**

**A vida é uma cantiga triste
mais triste e à-toa que a das andorinhas
— *Las oscuras golondrinas*
tão mal vivida
tão mal ferida
tão mal cumprida.**

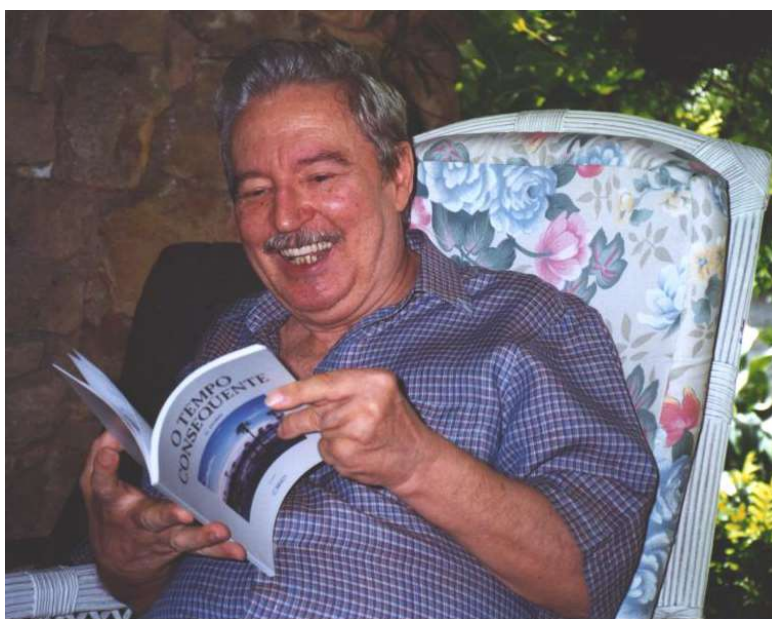
**A vida é uma cantiga alegre:
o primeiro sorriso de cada filho
e todos os microamores
que inutilizam
a vitória da morte.**

22 de maio de 2008), meu colega Fiscal do Consumo, ele do concurso de 1953; eu do de 1964. Jamais nos vimos. Sabia dele, no Conselho de Contribuintes. Em 1994, ele já aposentado, mandou-me um livro. A folha de dedicatória... sim, cadê o livro? Isto não tem a menor importância, livros e coisas. Tão só as ideias. A dedicatória, disse-me ele num escrito de máquina: outra pessoa a fizera. A assinatura, sim; ele intentara-a. Rasgou um pouco. Sim, rasgada a folha do livro, na hora de assinar. O parkinson comia-lhe o tremor. Qual o problema? Nenhum problema. Vejam a foto. Claro que é o Esteves. Evidente que é o Bandeira, o nosso querido Manuel, as *Tábuas da Lei* a lhe esmagar os ossos do peito. Resurrecto. Morto.

Desculpem-me: um dia, não sei quando, postei-me de beira-mar a negociar com o mar. As espumas cresciam e morriam com a maré vai-vém. Estipulamos fronteiras: Até aqui, compadre Mar! — disse-lhe. Risquei-as com um garrancho. Tive a certeza: acedera. Saí e avisei-lhe: volto já. Olhei para trás, confiante que o Mar havia de me esperar. Não esperava, não esperou. Subitamente retroagi e recri-me meu compadre Mar, que ia que voltava, na mesma fúria calmosa, estivesse eu ali ou não. Peguei minha mão e disse-lhe:

— Pousa, meu compadre Mar, em minha mão, eis a Tábua da Lei.

Agora, me aparece este outro mar, H. Dobal (Hindemburgo Dobal Teixeira, Teresina, PI, 17.10.1927 — Teresina, PI,



Recente, neste abril de 2016, o desencaramento de um poeta a quem jamais vi pintado, um certo Leandro Rodrigues. Mandou-me ele, em rica embalagem, um livro triste: APRENDIZAGEM CINZA, cem exemplares, edições *Patuá*, do poeta Eduardo Lacerda. O livro é cinza, cinzento. Vou falar sobre o miolo do livro não.

AS FERAS

a cela/ a sala
de estar/ de aula
as grades/ o dever
pensamento/ simetria
todas as prisões/ palavras
toda repressão

Um homem rugir voraz

há espaço entre os ferros

respira-se

O grito

da tv ligada/ des

a liberdade/ fiapo de luz

entre as frestas.



Andei lendo por aí que temos o dever de pôr o conhecimento à prova todos os dias. Por isto mesmo, o prisioneiro tem a obrigação de sacolejar as grades da cela antes mesmo de escovar os dentes. Quem sabe, algum *ser-ra-pau* tenho roído, noturno, o gradil?! Custa tentar? Sacoleje-a. Pois o poeta nos garante: ali, do outro lado, um fiapo de luz. Esteves sorriu. Caramba! Bota esse sorriso pra lá, meu poeta. Tenho

que fugir. Tenho que buscá-lo!

Este o tema deste escrito: quem os tristes: Pessoa, Bandeira, Dobal ou Rodrigues que escrevem o triste e detonam o triste com uma flecha de luz? Ou o filho único de minha mãe, este aqui, sozinho,

Basta isto: cinzento. E, súbito, numa virada de página, isto aqui. Pode? Taí a cara do poeta. Disse-me ele que vai ao Futebol. Duzentos anos, ou mais, não coloco os pés num estádio. Ele que seria o triste?!

com estas bandas de castanhas daqui, numa xícara, com molho de pimenta forte e óleo de coco; quatro dedos de um vinho barato num caneco de inox, sem gelo,

que gosto mesmo é de vinhos baratos? Sorrio-me? Isto, eu não sei. Estonteio-me. A buscada. Só isto. Esteves. A face de Deus.



Fortaleza, CE, 21.4.2016

Em tempo:
o tema é melhor desenvolvido, com a nova perspectiva dos poemas de ouvido externo (o som); de ouvido médio (os sentidos) e de ouvido interno (o sentimento lá de dentro, os posicionais) em DEDICATÓRIA. Convido-o.